

Catequese para nativos digitais

LUÍS MIGUEL FIGUEIREDO RODRIGUES*

TIAGO ANDRÉ FERNANDES FREITAS**

1. A catequese, hoje

O olhar atento sobre a realidade que nos envolve evidencia que, nas últimas décadas, verificou-se na nossa sociedade a ocorrência de um conjunto de profundas mudanças culturais, que colocam dificuldades sempre diferentes à educação da fé¹. Os catequizandos e as suas realidades são cada vez mais diversificados: muitas crianças chegam à catequese sem um mínimo despertar religioso que faça desejar a vida cristã; a indiferença religiosa difunde-se cada vez mais; aparecem igualmente muitos adultos e jovens com percursos muito variados; a iliteracia religiosa continua evidente, apesar de muitos completarem o itinerário catequético; o afastamento da prática dominical parece aumentar, de tal forma que, muitas crianças que frequentam a catequese, não participam na Eucaristia dominical². Assim, tendo a catequese a missão de iniciar à vida em Cristo, pela proposta da Palavra de Deus e pela celebração dos sacramentos, verifica-se, no entanto, que estes se encontram cada vez menos predispostos para responder ao anúncio do Evangelho.

* Faculdade de Teologia-Braga (UCP).

** Doutorando de Teologia Pastoral na Universidade Lateranense (Roma).

¹ Cf. VILLEPELET, Denis, *Les défis de la transmission dans un monde complexe. Nouvelles problématiques catéchétiques*, ed. Desclée de Brouwer, Paris 2009, 49-90.

² Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a Catequese actual*, ed. DAC, Braga 2006, 1.

Para que na catequese se realize a transmissão da fé, é imprescindível o papel da comunidade cristã, primeiro responsável pela catequese (cf. CT 24). Na comunidade, a fé cristã torna-se um acontecimento vivo e atual, onde cada cristão testemunha a sua fé em gestos e formas de viver. Nas atividades eclesiais da comunidade, a Palavra de Deus alcança a sua plena realização como Palavra proclamada no anúncio do Evangelho³. Numa cultura marcada pelo visual e sensível às experiências vivas, a vida da comunidade cristã é, pois, o excelente «audiovisual» para mostrar Cristo (cf. LG 1). Mas não só O mostra, como O torna presente, atuante e significativo. A catequese será então uma ação educativa que se realiza a partir da responsabilidade própria de cada membro da comunidade, num contexto comunitário rico de relações, para que os catequizandos se insiram ativamente na vida da comunidade e participem plenamente da vida de Cristo.

Ainda que todos tenham uma mesma responsabilidade comum, que é a de educar o catequizando na fé, a cada membro são atribuídas responsabilidades pastorais diferentes:

– Aos *pastores* compete procurar que a catequese seja, efetivamente, uma atividade prioritária na missão pastoral, dedicando-lhe «os melhores recursos de pessoal e de energia, escolhendo e formando pessoas qualificadas» (CT 15); estimular em todos os membros da comunidade a consciência da sua responsabilidade pela missão da catequese; e integrar a ação catequética na pastoral global, «cuidando especialmente da ligação entre catequese, sacramentos e liturgia» (DGC 225).

– Por sua vez, a *família* exerce uma influência decisiva na educação humana e cristã dos filhos, enriquecendo-os com o património moral e espiritual que vem do cristianismo⁴. Os pais são, pois, chamados a comunicar aos filhos formas de viver que estejam em sintonia com o Evangelho. O seu contributo é insubstituível, uma vez que a fé é uma forma de vida que se comunica e não uma doutrina a inculcar.

– Por fim, os *catequistas* ocupam um lugar especial na transmissão da fé, uma vez que é em nome da comunidade que estes realizam a sua missão⁵. Os catequistas são, na verdade, o rosto e porta-voz da fé da Igreja e testemunhas da experiência de fé das comunidades.

³ Cf. BIEMMI, Enzo, «Crer como adultos, hoje. Desafios teológicos e catequéticos para os cristãos e as comunidades adultas na fé», in *Pastoral Catequética*, 11/12 (2008) 147-157.

⁴ Cf. ALBERICH, Emilio; DERROITTE, Henri; VALLABARAJ, Jérôme, *Les fondamentaux de la catéchèse*, ed. Lumen Vitae, Bruxelas 2006, 217-248.

⁵ Cf. *Idem*, 15-54.

Numa sociedade marcada por diferentes formas de pensar e agir, e onde se torna cada vez mais patente a necessidade de uma nova evangelização, a Igreja precisa, hoje, de catequistas concretos e firmes nas suas convicções cristãs, e que sejam capazes de dar testemunho da fé que professam. O sucesso da atividade catequética depende muito de catequistas bem formados, preparados e conscientes da importância do seu ministério apostólico.

Os catequistas realizam uma missão importante num momento ímpar do processo de evangelização: a etapa catecumenal (cf. AG 13-15)⁶. Nesta etapa são lançadas no catequizando os alicerces da vida cristã, iniciando-o no Mistério de Cristo e na comunidade da Igreja: é a Iniciação Cristã. Ora, uma vez que a transmissão da fé, antes transmitida de geração em geração no seio da família, perdeu hoje muito do seu suporte familiar, a catequese assume-se, cada vez mais, como uma catequese de iniciação cristã, ou seja, como um período em que se estrutura a conversão a Jesus Cristo, oferecendo as bases para essa primeira adesão.

Esta mudança substancial na vida do catequizando implica, pois, uma aprendizagem progressiva na vida da fé cristã. É aqui que reside a finalidade da catequese de iniciação cristã: procurar desenvolver, nos catequizandos, uma fé ainda inicial, iniciando-os na plenitude da vida cristã. Na verdade, procurando colocar o catequizando, não só em contacto, mas em comunhão e intimidade com Deus (cf. CT 5), a catequese é o momento, em que se prepara o catequizando para conhecer, celebrar, viver e contemplar o mistério de Cristo, a fim de favorecer nele uma profissão de fé viva, explícita e atuante. Ela deverá ser um testemunho vivo do Amor e da Verdade de Deus, revelados na pessoa de Jesus Cristo⁷.

A conceção de uma catequese de iniciação cristã e de estilo missionário⁸ exige que se passe de uma catequese de instrução, centrada unicamente na transmissão de um conjunto de saberes, a uma catequese mais ampla, de iniciação à fé cristã, e que ponha os alicerces da vida em Cristo: «trata-se de educar no conhecimento e na vida de fé» (DGC 67). Não basta transmitir conteúdos, explicar a fé e falar de Cristo. É indispensável que a catequese faça «ver Jesus» (NMI 16), atualizando o convite do Evangelho: «Vinde e vede» (Jo 1,39).

Não obstante, para que a catequese inicie os catequizandos na vida cristã, ela deve seguir o modo como Jesus Cristo formava os seus discípulos, procurando

⁶ Cf. BOURGEOIS, Henri, *Théologie catécuménale*. Ed. Du Cerf, Paris 2007.

⁷ Cf. CAMPO GUILARTE, Manuel del, *La iniciación cristiana*, ed. Facultad de Teología San Dámaso, Madrid 2006; Idem, *La comunicación de la fe*, Facultad de Teología San Dámaso, Madrid 2006.

⁸ Cf. ALBERICH, Emilio; DERROITTE, Henri; VALLABARAJ, Jérôme, *Les fondamentaux de la catéchèse*, 49-71.

realizar as seguintes tarefas⁹ (cf. DGC, 85-86): promover no catequizando um conhecimento gradual da fé e da mensagem cristã, através do anúncio e do testemunho vivo e entusiasmante do Evangelho; iniciar o catequizando à celebração da presença de Deus na liturgia e nos sacramentos, devendo a catequese promover no catequizando um conhecimento dos significados litúrgicos e sacramentais, os sinais e a dimensão comunitária da celebração; ensinar a rezar, de modo que a vida cristã possa ser vivida em profundidade; favorecer uma educação que propicie ao catequizando a adoção de atitudes próprias do cristão; e, por fim, iniciar o catequizando para a sua missão de discípulo de Cristo, introduzindo-o à vida evangélica. Com efeito, a maturidade da fé só se adquire quando se tem capacidade e necessidade de testemunhar essa mesma fé nas mais diversas circunstâncias da vida. Tudo isto se realiza através da inserção, e progressivo envolvimento, do catequizando numa comunidade cristã, na qual este vai assumindo responsabilidades e comprometendo-se com esta. Na verdade, a catequese não pode ficar apenas no conhecimento da fé e na celebração da liturgia mas deve também, e sobretudo, educar os catequizandos no amor a Deus e aos outros, e conduzi-los ao compromisso de ser fermento do Reino de Deus no mundo.

Para que isto seja possível, importa olhar com atenção para o princípio da interação entre fé e vida. Este princípio leva a que se escute, veja e partilhe a vida cristã. Por isso, a catequese estará sempre muito atenta à cultura do seu tempo. Aqui entendemos por *cultura* o conjunto de todas as manifestações, costumes, pensamentos e ações de um grupo humano (cf. GS 53-62). O dinamismo da cultura é exatamente o lugar onde a Palavra de Deus, através dos cristãos, deve penetrar para o transformar à luz do Evangelho.

Mas o Evangelho não está circunscrito a uma determinada cultura ou expressão cultural, geográfica ou histórica. Com efeito, foi vivido e expresso primeiramente na cultura semita do povo eleito. Contudo, ao ser levado a outras nações, imediatamente assumiu as diversas culturas e começou a expressar-se por meio delas. Foi um maravilhoso trabalho de inculturação realizado pelas primeiras gerações de cristãos. Assim, a Palavra de Deus continua a agir hoje, nas diferentes culturas.

Ao examinar a ação de Deus na sociedade, ao discernir os sinais dos tempos, a catequese contribui eficazmente para o processo da encarnação de uma única fé em novos mundos culturais e ambientes.

A catequese verdadeiramente inculturada é plenamente fiel a Jesus Cristo e à Sua mensagem, bem como ao catequizando, dentro de seu contexto sociocultural, respeitando a sua cultura e comunicando, por recurso a ela, o Evangelho.

⁹ Cf. MARLÉ, René, *Les quatre piliers de la catéchèse*, ed. Fayarde, Paris 1988; DERROIT, Henri (dir), *Catéchèse et initiation*, ed. Lumen Vitae, Bruxelas 2005.

A fé pode e deve encarnar-se em todas as culturas; no entanto, não se funde definitivamente com nenhuma delas¹⁰.

Um dos grandes desafios da ação evangelizadora é introduzir o fermento evangélico na cultura contemporânea ou pós-moderna, fecundando-a a partir de dentro e, ao mesmo tempo, expressando a fé por meio das suas categorias (cf. DGC 111-118), o que implica conhecê-las.

Das diversas características e interpelações presentes no mundo de hoje, emerge como uma das mais aglutinadoras a chamada «cultura digital»¹¹. Vamos, por isso, procurar interpretar essa cultura e a sociedade que ela gera, pois é uma realidade que importa à pastoral catequética conhecer, para realizar melhor a sua missão.

2. Sociedade Digital

O *mundo digital* é uma realidade constitutiva do quotidiano de muitas pessoas. Hoje, seria impossível um retorno a uma época pré-digital ou, de um modo particular, a um tempo onde a *internet* não estivesse presente. Não só este cenário é irreal como devemos ter consciência que, num futuro próximo, o mundo digital, tal como hoje o percebemos, será significativamente diferente.

Falar de *cultura digital* é referir-se a um conceito polissémico, que urge concretizar, embora saibamos que ainda não está totalmente consolidado. Até porque gira em seu torno uma constelação de outros conceitos semelhantes que matizam mais uma ou outra dimensão, mas que coincidem em grande parte com aquele. Exemplo disso é a *sociedade da informação, cibercultura, revolução digital e era digital*. Cada um destes conceitos, e de acordo com o pensamento dos autores que os usam, sublinha à sua maneira algo em comum e que nos dá uma primeira compreensão do adjetivo *digital*, ou seja, é *um mundo de relações entre as pessoas, e destas com o meio ambiente e o mundo, mas mediada pelas tecnologias de comunicação digital*, onde o computador é o objeto iconográfico desta transformação.

¹⁰ Cf. FOSSION, André., *Dieu désirable. Proposition de la foi et initiation*, ed. Lumen Vitae, Bruxelas, 2010, 55-72.

¹¹ Cf. CASTELLS, Manuel, *A Galáxia Internet*, ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2007; Idem, *A Sociedade em Rede. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*, Vol. I, ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2007; ZANON, Darlei, *O impacto da sociedade em rede sobre a Igreja católica. Elementos para uma cibereclesiologia*, ed. Paulus, Lisboa 2012; PUNTEL, Joana T., *Cultura mediática e Igreja. Uma nova ambiência*, ed. Paulinas, São Paulo 2005.

A sociedade digital, e a cultura que o promove e que ele gera, é caracterizada pela capacidade de se comunicar ou incorporar qualquer produto baseado numa linguagem comum digital; caracteriza-se pela capacidade de comunicar desde o âmbito local até ao global de modo instantâneo; pela capacidade de diluir e iludir a interação pessoal através da mediação dos instrumentos digitais; a existência de diversas formas de comunicação a serem usadas em simultâneo; a interligação de todos os bancos de dados e dos indivíduos em redes digitalizadas; e, por fim, a constituição da mente coletiva através do trabalho em rede¹².

Até há pouco tempo, era possível distinguir a fronteira que separava o chamado *mundo virtual* do *mundo analógico*. A porta de acesso era o «modem» e tinha residência fixa numa secretária. A *internet*, a par de outros meios de comunicação, tinha o estatuto de «instrumento» que nos permitia aceder a um novo mundo ou comunicar com outras pessoas. Mas, no final do dia, a porta era fechada, evidenciando a contraposição entre *online* e *offline*.

A grande transformação a que estamos a assistir consiste precisamente na eliminação desta fronteira. A *rede* não é um simples instrumento de comunicação que se pode utilizar, mas evoluiu para um ambiente cultural¹³ em que estamos imersos ou, se preferirmos, um «lugar antropológico». Esta nova realidade «influencia os ritmos da existência e contribui para modelar opiniões e estilos de vida»¹⁴. Perspetiva-se que a meta seja a de um mundo onde a realidade digital está de tal modo integrada no quotidiano que não faça mais sentido falar dela como uma realidade autónoma.

Para os *nativos digitais*, este horizonte é ainda mais consistente. Em 2011, Chiara Giaccardi, a pedido da Conferência Episcopal Italiana, orientou um estudo sobre «as relações comunicativas e afetivas dos jovens no cenário digital». A investigadora concluiu que existe uma «baixa descontinuidade» entre o *offline* e o *online*, isto é, configuram-se «como dois níveis de experiência unitária (unificada pelo sujeito em relação) e não como dois mundos paralelos, alternativos»¹⁵. Para esta nova geração, ao contrário dos *migrantes digitais*, a pergunta não é «como

¹² Cf. CASTELLS, Manuel, «Communicatio, power and Computerpower in the Network Society», in Telos, 75 (2008) [<http://sociedadinformacion.fundacion.telefonica.com/telos/articuloautorinvitado.asp?idarticulo=3&rev=75.htm#n2>], acessado a 15-05-2012].

¹³ O teólogo Dario Viganò caracteriza a rede como um «ambiente comunicativo e relacional». Este novo ambiente relacional produziu uma verdadeira reestruturação conceptual, colocando em questão dimensões tão importantes quanto o espaço, o tempo e a relação, in VIGANÒ, Dario, *La musa impara a digitare. Uomo, media e società*, ed. Lateran Press University, Città del Vaticano 2009, 139.

¹⁴ GATTI, Guido, *Etica della comunicazione*, ed. LAS, Roma 2008, 150.

¹⁵ Cf. C. GIACCARDI, *Relazioni comunicative e affettive dei giovani nello scenario digitale*, in <http://www.chiesadimilano.it/cms/speciali-archivio/in-evidenza/giovani-promotori-di-socialit%C3%A0-1.44253> [accedido a 10-09-2012].

estar presente no mundo digital?» mas antes «como viver bem neste mundo?». O plano digital é um dado assumido, harmonicamente integrado com as mais diversas dimensões do quotidiano.

A primeira dimensão que o *mundo digital* evidencia é a natureza comunicativa do ser humano. Só ele é capaz de assumir e negociar complexas relações e ambientes sociais¹⁶. O psicólogo cognitivo Howard Gardner identifica esta dinâmica como sendo uma *inteligência interpessoal*¹⁷ que, a par de outras inteligências – como a emocional –, concorrem para a totalidade da pessoa. O uso dos meios de comunicação exprime, portanto, este desejo de entrar em relação com o outro.

A história dos *media*, particularmente da *internet*, revela-nos um pormenor interessante. Nesta ânsia comunicativa da pessoa, não lhe basta ser um recetor. Comunicar é interagir. A primeira fase da rede, a *web 1.0*, imitou, de certo modo, os meios de comunicação de massa, como é caso da televisão ou da rádio. Os sites eram estáticos e sem qualquer recurso ao som ou vídeo. Com o advento da *web 2.0.*, a interação tornou-se um elemento-chave e o uso das ferramentas colaborativas (ex. google docs) uma prática comum. O som, a imagem e o vídeo ganharam, de igual modo, um lugar de destaque. Podemos, assim, afirmar que a sociedade digital converteu o «consumidor» num «produtor» (veja-se o exemplo do YouTube) e o «leitor» num «autor» (como é caso dos *blogs* ou *ebooks*).

Por outro lado, a sociedade digital levanta novos desafios. «Novos» porque a realidade que ela gerou é nova. É inédito, por exemplo, o problema da «divisão digital» ou dos «infoexcluídos». Aumenta cada vez mais a distância que separa os países tecnologicamente desenvolvidos e aqueles em vias de desenvolvimento¹⁸, a divisão geracional ou ainda o usufruto de certas tecnologias por parte de pessoas com alguma incapacidade.

É ainda nova a questão dos direitos nas sociedades digitais: liberdade de expressão e direito à privacidade¹⁹; o direito a usufruir e legar em testamento

¹⁶ Edward Thorndike, psicólogo americano, foi um dos pioneiros no estudo da inteligência social. Na sua perspectiva, esta inteligência corresponde à capacidade de perceber e interagir com homens e mulheres e agir sabiamente no âmbito das relações humanas.

¹⁷ Cf. GARDNER, Howard, *Multiple Intelligences: New Horizons in Theory and Practice*, ed. Basic Book, New York 2006, 198.

¹⁸ Tem evoluído, nos últimos anos, a consciência global deste problema. Uma iniciativa pioneira pertence ao projecto «One laptop per children» e outros projectos similares que lhe sucederam. O principal objectivo desta iniciativa é a de prover as crianças mais pobres do mundo com um portátil robusto, de baixo custo e potência, mas que lhes permita migrarem para o novo mundo da comunicação global. Encerra, deste modo, um propósito educativo. Mais informações em <http://one.laptop.org/>.

¹⁹ Este tem sido um sério problema, principalmente com os serviços *cloud* que pretendem garantir à partida, nas condições contratuais, o direito ao material que é colocado nos servidores.

o material digital adquirido em vida. Existe depois o lado negro do mundo digital que é o cibercrime, o ciberterrorismo e o cyberbullying. Estamos diante da necessidade de repensar os conceitos de «credibilidade» e de «segurança» neste novo contexto existencial.

3. Implicações

O ambiente que constitui o nosso quotidiano é, sem dúvida, novo. Mas, não só a sociedade é chamada a dar respostas a estes desafios. Também a Igreja – que é peregrina e sacramento de Deus (cf. LG 48-49) – terá de se perguntar: «como anunciar Jesus Cristo neste novo contexto existencial?». Olhar para a *rede* simplesmente como um «meio» de evangelização seria um erro fatal. Estaria desfasada da realidade. Importa olhar para a *rede* como um contexto «onde a fé é chamada a exprimir-se, não por um mero desejo de presença, mas por uma conaturalidade do cristianismo com a vida dos homens»²⁰.

Ao nível da reflexão teológico-pastoral, é ainda possível equacionar um ulterior cenário. Em que medida é que o advento deste novo contexto existencial condiciona a experiência de fé dos cristãos e das comunidades cristãs? Para responder a esta pergunta, é importante recuperar alguns elementos significativos dos *nativos digitais* para, logo de seguida, refletir teologicamente sobre essas dimensões.

Noção de tempo. Em agosto de 2010, a Google introduziu uma nova funcionalidade no seu serviço de pesquisa, chamada *Instant*. O ponto chave desta tecnologia consiste em prever a nossa pesquisa sem a necessidade de a formular inteiramente. A Google afirma que «as pessoas digitam lentamente, mas leem rapidamente, demorando habitualmente cerca de 300 milissegundos entre batimentos de teclas mas apenas 30 milissegundos (um décimo do tempo!) para dar uma vista de olhos a outra parte da página»²¹.

A principal vantagem deste sistema prende-se com a poupança de tempo e por dar a conhecer ao utilizador quais os termos que globalmente são mais pesquisados. Por outro lado, esta funcionalidade cria uma lógica onde não existe tempo para formular a pergunta desejada. Oferecem-se respostas a perguntas ainda não elaboradas ou então não desejadas.

²⁰ SPADARO, Antonio, *Cyberteologia. Pensare il cristianesimo al tempo della rete*, ed. Vita e Pensiero, Milão 2012, 22.

²¹ www.google.com/instant

Para os nativos digitais, o instantâneo é, muitas vezes, o ritmo a que estão habituados. Tal noção de tempo encontra-se ainda espelhada na comunicação social, de modo particular na televisão e em *sites* de informação. É um tempo que gira em torno de um presente prolongado ou de um futuro abreviado.

A noção de tempo num horizonte cristão tem a tónica de linearidade. Desde o nascer ao morrer, desde o batismo à ressurreição, o tempo tem um sentido e os seus tempos próprios a serem vividos e respeitados. Do passado recebemos o testemunho, do futuro a esperança. No presente comungamos da presença de Deus. Viver um eterno presente, seria amputar uma parte fundamental da compreensão do tempo cristão. Se atendermos à Sagrada Escritura, por exemplo, veremos que o livro do Génesis é resultado de uma releitura, em fase de exílio, da história passada e do mistério do futuro. As perguntas são importantes e devem ser respeitadas na sua integralidade.

Noção de espaço. O conceito de espaço ou território é, à semelhança do tempo, diferente. Os nativos digitais nasceram num contexto caracterizado pela parcial desmaterialização do espaço. Com a *internet*, o espaço deixou de ser exclusivamente uma plataforma estável de suporte a relações e eventos. Deixou de ser mapeável. Podemos dizer que, de algum modo, entraram novas categorias que transformaram o conceito tradicional de espaço. Este não se articula apenas entre «perto» e «longe» – dado que os nativos digitais vivem na era da globalização – mas também entre «online» e «offline».

«Espaço» é agora entendido segundo a categoria relacional. As redes sociais são disso um exemplo lacónico. Nelas jogam-se as relações humanas e os mais diversos processos de humanização e de proximidade.

Ter consciência deste novo paradigma é essencial para compreender a mentalidade dos nativos digitais e o modo como a fé opera nestas circunstâncias. Como afirmado anteriormente, a *rede* é acima de tudo um contexto onde a fé é chamada a exprimir-se²². Não se esgota como um instrumento em vista à evangelização.

²² A cultura é um dos lugares fundamentais da acção evangelizadora. Várias coisas podem influenciar o rumo das sociedades e, por inerência, as opções de vida de muitas pessoas. De entre essas várias dimensões, o advento da tecnologia digital e de informação joga, certamente, um papel preponderante. No Instrumento de trabalho para o Sínodo dos Bispos sobre a nova evangelização, podemos ler o seguinte: «Tendo ela evoluído para um paradigma onde o digital está cada vez mais unido às acções mais habituais próprio da acção as novas tecnologias digitais deram origem a um verdadeiro e próprio espaço social, cujos laços são capazes de influir sobre a sociedade e sobre a cultura. Actuando na vida das pessoas, os processos mediáticos tornados possíveis por estas tecnologias chegam a transformar a própria realidade», in SÍNODO DOS BISPOS, *A nova evangelização para a transmissão da fé cristã*, 60.

Como elaborar a distinção entre a Igreja particular – geograficamente localizada – e a Igreja universal para um nativo digital? Este novo contexto existencial, pelas suas características, tende a favorecer uma compreensão mais imediata do que é ser Igreja universal (dado o seu grau de abstração) do que propriamente o significado de comunidade territorial. Outra questão essencial passa por redefinir o conceito de relação à luz da tradição cristã. A «amizade» que está presente no Facebook corresponde ao conceito cristão de «fraternidade»? Qual o grau de compromisso e a base fundante de cada um destes conceitos?

Noção de sujeito. A *internet* inaugurou um novo plano comunicativo entre as pessoas, o qual tem vindo a evoluir ao longo dos últimos tempos. Numa fase inicial, o objetivo era estar «presente» na rede. Hoje, o horizonte é estar «conectado», ligado a uma rede de relações humanas que prolongue a experiência da realidade *offline*. Existe uma tendência para transportar para o mundo digital aquilo que se vive fora dele, criando assim uma espécie de plano comunicativo ininterrupto.

Os nativos digitais, ao contrário dos imigrantes, nasceram já dentro deste paradigma. Na literatura é recorrente o alerta para o perigo das identidades alternativas, também conhecidas por «avatar». A desmaterialização do espaço de encontro poderia, num plano teórico, promover um narcisismo ou ocultação da própria identidade. Na *rede* cada um projeta aquilo que gostaria de ser.

Todavia, vários artigos recentes colocam em causa esta teoria, principalmente no caso dos nativos digitais. É erróneo pressupor um desfasamento da personalidade consoante se está presente numa modalidade *online* ou *offline*. K. Subrahmanyam e D. Šmahel apontam inclusive o mito de acreditar que os adolescentes, quando estão sentados à frente de um computador, pretendem ser outra pessoa. O fenómeno da «identity experiments», como sublinham os autores, é reduzido no universo simbólico dos adolescentes. Sendo a «identidade» uma realidade multidimensional, o que normalmente acontece é que o mundo *online* permite que os jovens explorem certas dimensões da sua personalidade com maior liberdade²³. Na verdade, se analisarmos o caso do Facebook, teremos de concordar que o perigo é inverso, ou seja, o da sobre-exposição pública da intimidade pessoal.

Ao nível da educação de fé, levantam-se algumas questões em relação a esta realidade. A eucaristia, enquanto momento celebrativo, opera segundo a modalidade de uma «con-vocação». Sendo que os nativos digitais vivem no

²³ Cf. SUBRAHMANYAM, Kaveri – ŠMAHEL, David, *Digital Youth: The Role of Media in Development*, ed. Springer, New York 2011, 73-77.

paradigma da «conexão», será que estes dois conceitos equivalem-se? Estar «conectado» com a comunidade celebrativa através, por exemplo, de um *live streaming* é mesmo que estar fisicamente presente numa Igreja? Em termos celebrativos, o que se entende por presença?

Linguagem. A par de um novo entendimento do tempo, do espaço e da subjetividade, o mundo digital gerou um novo universo semântico. Curiosamente, muitas palavras do mundo digital resultam de um processo de resignificação linguística e outras, inclusive, encontram paralelo na gramática religiosa. É importante ter consciência desta realidade para não criar um conflito de compreensão.

Quando se utiliza um editor de texto, é habitual encontrarmos termos como «salvar», «justificar» ou ainda «converter». São conceitos com uma forte ressonância escatológica mas que, na linguagem tecnológica, pretendem dizer outra coisa diferente. Até que ponto, para os nativos digitais, este novo vocabulário influencia a sua inteligência da fé?²⁴

Comunicar bem é fundamental para o cristianismo. Sem comunicação – nas suas múltiplas expressões – não existe anúncio e sem anúncio não existe encontro com Cristo.

4. Interpelações pastorais

A catequese pensada para os nativos digitais terá de responder a alguns desafios, reequacionando algumas lógicas internas do *mundo digital*, na fidelidade àquilo que constitui a Igreja e lhe é específico: o ser sinal e instrumento da comunhão com Cristo, único salvador do mundo. Este desafio é tanto mais premente quanto tomamos consciência de que há características e desejos latentes no mundo digital que só Deus pode responder plenamente, como é o caso da comunicação plena.

Mas sabemos que as tecnologias geradoras da sociedade digital não são capazes de garantir a autenticidade da mensagem cristã, de que a Igreja é depositária. As tecnologias são inventadas pelos humanos, adequadas por isso às mensagens humanas, pelo que a mensagem de Cristo, embora utilize mediações

²⁴ Bento XVI, numa entrevista a Peter Seewald, afirmou que «a devoção tem de se regenerar neste grande contextos – e, conseqüentemente, encontrar também novas formas de expressão e de compreensão. O homem actual não compreende, assim, sem mais, que o sangue de Cristo na cruz é a expiação pelos nossos pecados. Estas são fórmulas que são profundas e verdadeiras, mas que deixaram de ter lugar nos nossos padrões de pensamento e na nossa concepção do mundo, que têm de ser traduzidas e compreendidas de novo», in BENTO XVI, *Luz do mundo. O Papa, a Igreja e os Sinais dos Tempos*, ed. Lucerna, Parede 2010, 135.

humanas²⁵, faz com que a sua sacramentalidade nunca possa confinar-se apenas aos instrumentos digitais, antes postule relações crentes e quentes numa comunidade humana congregada pela fé.

À catequese caberá o desafio de romper o círculo da individualidade, do anonimato e da assepsia espiritual, que o «digital» mal entendido pode ser usado para legitimar, como se estas fossem as características que definem a sociedade digital. Importa reassumir, talvez com mais afinco, a transcendência como núcleo central de toda a experiência viva de religiosidade e espiritualidade. Não se pode esquecer que «as modernas tecnologias fazem crescer de modo impressionante a velocidade, a quantidade e o alcance da comunicação, mas não favorecem do mesmo modo o frágil intercâmbio entre mente e mente, entre coração e coração»²⁶. É por isso que o conceito de «sociedade digital», no esforço de a compreender, não pode ser confinado apenas aos instrumentos que a potenciam, é sobretudo um *ethos* novo, o informacional²⁷. Porque estamos diante de um mundo novo, a proclamação do Evangelho como palavra profética e libertadora dirigida aos homens e às mulheres do nosso tempo deve incidir no coração da sociedade digital²⁸. Aqui não deve faltar o testemunho da verdade divina e o destino transcendente da pessoa humana²⁹.

²⁵ Cf. COTIN, Jérôme; BAZIN, Jean-Nicolas, *Vers un christianisme virtuel? Enjeux et défis d'Internet*, ed. Labor et Fides, Genebra 2003, 12, 109.

²⁶ CEBALLOS GARCÍA, Manuel, «Transmitir la fe en la actual sociedad de la información. Retos e oportunidades», in SESÉ, Javier; PELLITERO, Ramiro, *La transmisión de la fe en la sociedad contemporánea*, Col. Simposios Internacionales de Teología, 28, ed. EUNSA, Pamplona 2008, 259.

²⁷ Aqui, as instituições caracterizam-se por serem organizações bem sucedidas, capazes de gerar conhecimentos e processar informações com eficiência. Adaptam-se à geometria variável da economia global e são flexíveis a ponto de transformar os seus meios tão rapidamente quanto mudam os objetivos, sob o impacto da rápida transformação cultural, tecnológica e institucional. E inovam, pois a inovação torna-se a principal arma competitiva.

²⁸ Cf. CEBALLOS GARCÍA, Manuel, «Transmitir la fe en la actual sociedad de la información. Retos e oportunidades», 257.

²⁹ Também aqui importa ter presente que: «Quando o homem, usando as suas mãos ou recorrendo à técnica, trabalha a terra para que ela produza frutos e se torne habitação digna para toda a humanidade, ou quando participa conscientemente na vida social dos diversos grupos, está a dar realização à vontade que Deus manifestou no começo dos tempos, de que dominasse a terra e completasse a obra da criação, ao mesmo tempo que se vai aperfeiçoando a si mesmo; cumpre igualmente o mandamento de Cristo, de se consagrar ao serviço de seus irmãos» (GS 58).